

Dívida — uma luz no túnel

Amaury Temporal

18 JAN 1989

O Brasil foi apanhado em uma “dobra da História”. No período de grande crescimento dos anos 70, criamos uma dívida importante, mas gerenciável. Fomos, entretanto, submetidos a três choques externos e fora de nosso controle: as taxas recordes dos juros reais, a elevação do preço do petróleo e a deterioração dos termos de troca. Enquanto em 1975 a amortização e o serviço da dívida representavam 42% do valor das exportações brasileiras, esse percentual se elevou a 97% em 1982. De 1980 a 1984, o Brasil foi forçado a exportar 53,9% a mais, em quantidade, para manter o valor de suas exportações. Para que pudéssemos criar saldos na balança comercial, as importações no período foram reduzidas em 36,5%. Em que pese este quadro extremamente desfavorável, o Brasil apertou o cinto, ajustou sua economia e, a custo de 4%, tem atendido ao serviço da dívida externa.

Procurei deixar claro, em palestra realizada para os membros do International Union of Advertisers Association, a intensidade do problema: não se trata de uma marola. Se a questão da dívida não for resolvida no futuro próximo, chegará às proporções de um maremoto, com explosões sociais e políticas em toda a América Latina, o que, por sua

vez, porá em risco o sistema financeiro global.

O débito do Terceiro Mundo está sendo gerido como se o objetivo final fosse matar o devedor. A fórmula de reduzir a atividade econômica para permitir a redução da importação, no intuito de atender ao balanço de pagamentos, é insustentável e levará, necessariamente, a uma crise maior ainda que a atual. A nosso ver, não há como evitar uma renegociação global de nosso débito externo, a partir do claro entendimento de que a transferência de capital, no montante e na velocidade previstos, não é factível.

Já se podem ver os primeiros reflexos dessa posição insustentável, pois não é sem razão que em quase toda América Latina vemos a ascensão de partidos e candidatos comprometidos com uma revisão das regras do jogo, com a moratória e com uma postura contrária aos Estados Unidos.

Durante o ano de 1988, tive oportunidade de falar quatro vezes nos Estados Unidos — junto as Foreign Council, na Atlantic Conference, no Conselho Empresarial Brasil-Estados Unidos e no Council of the Americas — sobre a necessidade de se alterar a política dos países credores, em especial dos EUA, com referência à dívida externa brasileira.

As recentes informações de

que esta é a intenção do presidente Bush devem ser aplaudidas e vistas como a grande esperança do Ano Novo.

Cumprir destacar a atuação de nosso embaixador nos Estados Unidos, Marcílio Marques Moreira, um dos grandes artífices dessa possível e desejada alteração das posições americanas, e a quem enviamos o seguinte telex:

“Recentes notícias veiculadas nos jornais dos EUA nos dão conta de que o governo do presidente Bush pretende dar novo enfoque ao assunto da dívida externa dos países em desenvolvimento, de forma a contornar as crescentes dificuldades associadas à transferência de recursos para os países desenvolvidos. No caso da América Latina e do Brasil em particular, esta modificação política de suma importância atesta os esforços ingentes de Vossa Excelência, informado por uma visão clara e profunda de toda a complexidade do problema, no sentido de gerar a vontade política para a alteração do atual quadro. Tendo tido a oportunidade de observar a eficaz atuação de Vossa Excelência, gostaria, em nome da Confederação das Associações Comerciais do Brasil, de cumprimentá-los pelo sucesso de suas iniciativas”.

□ Amaury Temporal é presidente da Confederação das Associações Comerciais do Brasil.